



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**REGIÃO E ENSINO:
O CARIRI CEARENSE LIDO PELO GEOZINE**

Antonio Marcos Gomes da Silva
Universidade Regional do Cariri – URCA
amgs.gomes@gmail.com

Eugênia Maria Dantas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN
eugeniadantas@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo origina-se da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Geografia-GEOPROF, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. O objetivo deste texto é discutir sobre o conceito geográfico de região e apresentar a linguagem do Geozine como estratégia didática para o ensino no espaço escolar a partir do recorte espacial do Cariri Cearense. A região é uma simbiose entre a natureza e a cultura. O que decorre dessa relação torna-se conteúdo para o ensino de Geografia e passa a ocupar as páginas dos livros didáticos, as matrizes curriculares, o planejamento do professor. Mas, como ensinar sobre a região? O que levar em consideração? De que maneira a interpretação e a vivência do sujeito deve ser considerada no processo de ensino-aprendizagem? Essas questões perpassam o tempo e se situam nesse texto para alimentar o Geozine usando a poesia de Patativa do Assaré e música de Flávio Leandro e Abdoral Jamacaru como dispositivos. O Geozine é uma linguagem aglutinadora de diferentes linguagens.

Palavras-chave: Região; Geozine; Geografia; Ensino

Região e ensino de Geografia

A região é uma simbiose entre a natureza e a cultura. O que decorre dessa relação torna-se conteúdo para o ensino de Geografia e passa a ocupar as páginas dos livros didáticos, as matrizes curriculares, o planejamento do professor. Mas, como ensinar sobre a região? O que levar em consideração? De que maneira a interpretação e a vivência do sujeito deve ser

considerada no processo de ensino-aprendizagem? Essas questões perpassam o tempo e se situam nesse texto para alimentar o Geozine como estratégia para ensinar sobre a região do Cariri Cearense, usando a poesia como dispositivo. O professor tem o livro didático e nele a região se apresenta como um dado estabelecido, mas deve considerar que:

A região existe de facto, mas numa certa fluidez. Fluidez em ligação directa com a prevalecente nas relações que unem os homens e os lugares. Fluidez, quer dizer o carácter daquilo que, como um líquido, é facilmente deformável, móvel e cambiante, e deste modo bastante difícil de captar. (FRÉMONT, 1980, p.170).

A fluidez está assinalada pelas práticas dos sujeitos nos seus lugares e necessária a ação docente para fazer fluir de um canto a outro as experiências, sem que para isso dilua as particularidades que instituem as regiões. Aqui é preciso usar a escala geográfica, mais do que a escala cartográfica, o que significa situar mais do que localizar, contextualizar mais do que representar, movimentar mais do que estabilizar. A escala geográfica é conexão. Nesta, as medidas podem ser saturadas pelas experiências e por isso a representação pode estar borrada pelas sensações e percepções. A escala adquire um valor heurístico ou um elemento de correspondência com “a percepção, a concepção e um operador de complexidade” (CASTRO, 1995, p. 135).

Para Tuan (1982, p.156), “A Geografia Regional, que têm êxito em capturar a essência de lugar, é um trabalho de arte. A retratação de uma região tem a mesma espécie de dificuldades que a retratação de uma pessoa, porém multiplicada várias vezes”. Considerando essa ideia temos em perspectiva que ensinar sobre a região é lidar com a escala como conexão e a conexão como uma estratégia de criação, o que para nós se apresenta como a possibilidade de ligar linguagens dispersas. Isso por que, a região se qualifica, em parte, pela diferenciação de áreas, mas não se constitui como espaços auto-segregados. Pelo contrário, elas são provocações espaciais entre o que está dentro e o que está fora, e sendo assim, a sua inserção no ensino, é um contínuo movimento de aproximação e distanciamento entre dizer o que é e o que não é regional; entre o materializado e o experimentado. É um contínuo fazer desfazendo os limites; é um contínuo abrigo para as experimentações das linguagens no âmbito da didática.

Desta feita não é tão simples ensinar esse conteúdo. O aprisionamento ao estabelecido no livro didático, a ausência de outras fontes e a falta de variação das linguagens, tornam a região um recorte geográfico sem movimento espacial. A sua presença aciona questões

diversas que vão do físico ao cultural, das mais objetivas e materiais das representações as mais imateriais e subjetivas sensações. Neste direcionamento, é pertinente entender que:

[...] a partir do estudo dos costumes, dos hábitos ou das representações que as coletividades fazem de sua existência em um território, é possível superar o entendimento da região de uma simples espacialização ou projeção de fenômenos determinados fora daquele espaço. A identidade serve, assim, a uma visão mais global e comprometida com os objetivos do espaço que se está investigando. Nesse ponto, fica bem claro o antagonismo com as correntes mais racionalistas, que pretendem usar a região como um instrumento de análise, um artifício locacional. Sob o enfoque da identidade cultural, a região existe, é concreta e tem uma consistência que ultrapassa as considerações daqueles que a observam. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes e diferencia-se das demais, ou seja, o espaço fornece a identidade do grupo social nele existente. (BEZZI, 2004, p.232)

Por que a região é conteúdo de ensino na Geografia escolar?

O conceito de região é proposto como tema de estudo em vários programas curriculares e livros didáticos do ensino fundamental [...] Na ciência geográfica, esse é um conceito que tem sido discutido, formulado e reformulado ao longo de sua história, constituindo-se no cerne de uma de suas clássicas polêmicas, sobre a sua "natureza" de ciência em busca de leis gerais ou de individualidades regionais. (CAVALCANTI, 1998, p.101)

Para Cavalcanti (1998), o entendimento sobre a mudança da abordagem conceitual de região obedeceu às nuances filosóficas de cada tempo. Do ponto de vista filosófico os conceitos têm características próprias e geralmente são constituídos de outros conceitos. Desta forma, há entendimentos diversos da concepção do que vem a ser região e a sua existência enquanto recorte espacial de análise da Geografia, tendo inclusive, assertivas de um conceito obstáculo, tal conceito é ensinado nas escolas e por sinal é um dos mais antigos e fundantes das reflexões na Geografia (SOUZA, 2013). Na escola,

[...] são os professores os principais personagens no processo ensino-aprendizagem e cabe a eles a reflexão sobre a didática e adequação do ensino dos conteúdos de geografia e posterior ação em sala de aula, considerando sempre seu público, as necessidades e conhecimentos de seus alunos. (CAMPOS e BUITONI, 2010, p.107)

O professor de Geografia como apresentado acima é o protagonista no ensino, mas ao mesmo tempo, é tímido nesse exercício, como pudemos ver nas descrições relativas à pesquisa desenvolvida com professores de escolas da região do Cariri. Naqueles espaços escolares os problemas de indisciplina, de dispersão, de falta de interesse parecem se sobrepôr aos desafios didáticos, ou os desafios didáticos se reduzem ao estabelecimento de controles

que ultrapassam o conteúdo, sucumbem o tempo, aniquilam a matriz geográfica. Afogados nos problemas, os professores esquecem as múltiplas linguagens que podem fazer parte do seu acervo de ensino, esquecem a região na qual está inserida a escola e a vivência dos alunos.

O Geozine e o Cariri se encontram na arte

Canções, poemas, imagens, desenhos são linguagens que possibilitam ver o mundo da experimentação. Esse mundo de experimentação precisa ser instigado, sobretudo quando se tem na escola sujeitos de campos culturais vastos. Neste direcionamento o Geozine, como apresenta Silva (2018) pode se constituir um artefato de combinações de linguagens diversas para o ensino de região, articulando diferentes escalas espaciais. Mas, o que é o Geozine?

O Geozine é uma linguagem que usa o recurso imagético como dispositivo aglutinador de diferentes linguagens Silva e Dantas (2019). Inspirado no Fanzine¹, o Geozine está atrelado ao fazer cotidiano e a insatisfação com esse mesmo fazer. O não contentamento com o corriqueiro gera a inquietação que incita a criação e recriação, sendo a chave para acessar diferentes linguagens na perspectiva do ensino e da aprendizagem.

Para fazer Geozine (Figura 1) é preciso de folhas de papel A4, tesoura sem ponta revistas e jornais para colagens, lápis de cor, lápis grafite, cola branca, cola colorida e grampeador. Dobra-se a folha A4 até ter um formato de revista, nos tamanhos $\frac{3}{4}$, grampear bem para as folhas não se soltarem. Faz-se recorte das revistas e jornais, pode-se desenhar com lápis grafite e colorir com lápis de cor ou cola colorida.

Ainda nas palavras de Silva e

¹ Para Henrique Magalhães: “Os fanzines surgiram na década de 1930, nos Estados Unidos, com as publicações amadoras de ficção científica, no entanto, esta denominação só foi criada em 1941, por Russ Chauvenet. Pensou-se também numa palavra como fanmag, a partir de fan e magazine, que não teve a mesma aceitação. O termo fanzine é um neologismo formado pela contração de fanatic e magazine, do inglês, que viria a significar magazine do fã. O fanzine é uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafos, fotocopiadoras, ou pequenas impressoras offset. Para sua edição, contamos com fãs isolados, grupos e associações ou fãs-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou uma mistura de vários.” In: MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca Fantasia, 2011. (p.36)



Figura 1: Materiais para confecção de Geozine. Fonte: SILVA, 2019.

Dantas (2019) pode-se metodologicamente seguir o processo: I-Escolha do conteúdo e tema geográfico; II-Preparação do ambiente; III-Entendendo para agir; IV-Agindo e entendendo; V-Compartilhando ações e VI-Avaliando a prática e alimentando dúvidas. O Geozine tem a seu favor o uso de materiais acessíveis e de baixo custo, além de possibilitar o trânsito ente linguagens e expressões artísticas diversas.

A ação docente está no contexto didático atizado pela dúvida criativa que bricola materiais e ideias. Na escola, essa aproximação torna a efervescência implicada no lidar com a complexidade de saberes, questionamentos, imprevistos provenientes de campos disformes. Tudo isso, requer novos olhares para a Geografia. É necessário fazer da sala de aula um laboratório para testar as conexões entre os conteúdos científicos, os saberes escolares e a arte, considerando que:

[...] o fazer científico da Geografia [...] precisa agenciar e estabelecer intercessores com outros planos do pensamento, pois se o plano do científico geográfico não vai ao encontro do infinito, o plano filosófico e artístico vão, e eles podem fornecer matéria e forças necessárias para a linguagem geográfica não permanecer em seu isolamento e ilusão territorial, de apenas se concentrar em responder aos desejos do mundo do capital e do gerenciador territorial que é o Estado, mas, sim de fabricar o real com todas as outras potências da vida. (FERRAZ, 2017,p.91)

A partir disso apontamos o Geozine como linguagem para exercitar essa inquietação criativa para ensino de Geografia. A proposição e reflexão da linguagem didática do Geozine aposta na criação a partir do que já existe o que significa dizer que:

[...] na escola como potência criadora (mais que criativa), pois é nela onde passam a maior parte de seu tempo meninas, meninos e meninxs cujos corpos vibram e experimentam tudo à sua volta – o que lhes chega de fora – tudo o que lhes exige, inconscientemente, expressão – o que lhes tira para fora – tudo o que lhes constrange a vida – o que se coloca como problema – e os força a pensar (criar). (OLIVEIRA JUNIOR, 2017, p.49)

Tomemos como exemplo a criação do Geozine para o ensino do conteúdo de região a partir do Cariri Cearense. O Cariri é um recorte regional com base cultural muito extensa, expressa nos mais diversos suportes: a música, a literatura de cordel, o catolicismo popular, o reisado, o repente, a poesia, a xilogravura, a arte em couro e em madeira, as renovações do Sagrado Coração de Jesus. Essa variação potencializa o ensino de Geografia, explorando a noção regional, tornando o Geozine um meio para ativar a imaginação, a criatividade e a associação entre diferentes linguagens.

O professor, usando o Geozine como metodologia, pode escolher trabalhar com canções propícias a assimilação do conceito de região. Em se tratando do Cariri Cearense há referências de composições e compositores que imprimem as características da região Nordeste do Brasil, ao mesmo tempo em que situa a sua singularidade. A música é essencial, pois

Em diversas obras geográficas é possível destacar que a música e seus diferentes elementos (letras, ritmos, sons e movimentos) podem ser tratados como objetos de estudos para a Geografia, uma vez que podem alimentar com elementos fáticos e processuais de ordem social, cultural, econômico e histórica a reflexão com base em conceitos fundamentais de explicação da realidade socioespacial (espaço, lugar, paisagem, região e território). (FUINI, 2016, p.306).

Uma das canções que tratam do Cariri Cearense é de autoria do pernambucano, nascido em Bodocó Flávio Leandro, canção essa intitulada de “Caro Cariri”. Na letra são apresentados alguns dos municípios do Cariri Cearense.

Caro Cariri Flávio Leandro

Meu caro Cariri encarecidamente
Venho à tua frente assim de corpo e alma
Venho pedir como pede o romeiro
Que chega em Juazeiro do Padre Cícero Romão

Pra longe daqui não deixar seu poeta
Sem ver a linha reta do horizonte dos canaviais
Deixa não meu Cariri

Pois lá no Crato eu vou provar do doce de buriti
Voar nas asas de uma abelha de Jati
Pousar nas águas cristalinas de Barbalha
Teu Brejo é Santo, tua Missão até parece ser bem Velha
O teu Jardim eu já colhi muita camélia
Cheira a grosélia a bela flor de Mauriti

Guenta coração, se avexe não que eu tô chegando agora
A estrada é longa e em Milagres se demora
Não vejo a hora de te rever

Essa música apresenta a região do Cariri Cearense. A partir dela podem ser criados os Geozines destacando os municípios: Juazeiro, Crato, Jati, Barbalha, Brejo Santo, Missão Velha, Jardim, Mauriti e Milagres. Os alunos aprendem conteúdos geográficos a partir da exposição do professor em sala de aula, porém para que o aluno possa assimilar tais conteúdos, enquanto possibilidade ilustrativa que auxiliem a compreensão daquilo que está sendo exposta pelo professor, a linguagem musical é esse dispositivo que imprime com a melodia essa criação e recriação com o regional.

Na primeira estrofe, onde há a frase “Meu Caro Cariri” revela uma ideia de pertencimento por parte do autor da composição, e um apelo em forma de pedido, “venho pedir como pede um romeiro que chega a Juazeiro do Padre Cícero Romão”, com a exposição do conteúdo regional, pode-se fazer inferências historiográficas que podem dar conta do surgimento do Cariri e delimitação espacial, sendo indispensável o trabalho com mapas. Outro aspecto que instiga a investigação dos alunos é no sentido de entender por que Juazeiro aparece como parte central das estrofes iniciais? Cabe destacar o trabalho com jornais que trazem informações. Percebe-se, ainda que as manifestações culturais somam-se à estrutura de formação do relevo, quando o autor diz: “pra longe daqui, não deixar seu poeta, sem ver a

linha reta, do horizonte dos canaviais”, essa descrição do aspecto do relevo é a simbiose que mais revela do que mina a região. A região é simbiose.

Neste direcionamento para iniciar a composição das revistas em formato de Geozines sobre o Cariri Cearense tendo a música como elemento que liga a fala do professor e serve para ilustrar e exemplificar as diferentes formas regionais.

Os alunos podem fazer Geozines sobre o Cariri Cearense a partir das indicações e referências trazidas por Flávio Leandro. Estruturalmente, para dar início à criação, faz-se a exposição sobre região e região do Cariri Cearense; faz-se a escuta e análise da música, onde prevalecem os seguintes aspectos: as cidades, e seu processo histórico de surgimento e função na região; explora-se também, pedagogicamente, as características culturais e econômicas destas cidades; os aspectos culturais dessas cidades, dentro de um contexto de composição regional.

Nesta mesma linha de variar a interpretação e entendimento sobre o Cariri Cearense, pode-se utilizar a música de Abdoral Jamaru. Abdoral Jamaru é natural da cidade de Crato, no estado do Ceará. A canção cujo título é: “Para ninar o Cariri”, nesta canção são trazidos outros elementos que caracterizam e apresentam a regionalização do Cariri, destacam-se as seguintes estrofes desta composição:

Para Ninar o Cariri Abdoral Jamaru

O sol doura o cume verde
Da chapada do Araripe
Sonolenta a tarde cai
Noite vem ninar o Cariri

Dorme o canavial
Marmeleiro, piquizal
E as palmeiras do coco babaçu

Na primeira estrofe, aparece a relação do natural regional, por meio da formação da Chapada do Araripe, e na seguinte, destacam-se os aspectos fitológicos da Floresta Nacional do Araripe.

Falar de um recorte espacial significa neste aspecto compreender a totalidade, sobretudo em escala geográfica, no sentido de região, assim sendo, para reconhecimento desses espaços singulares, a poesia de Antônio Gonçalves da Silva ao Patativa do Assaré.

Patativa do Assaré é nascido na Serra de Santana, na cidade de Assaré, no Ceará. A sua poesia nos inspira nesse reconhecimento de totalidade, do ponto de vista geográfico, o Cariri Cearense, é um recorte espacial que faz parte da seguinte totalidade:

Eu sou de uma terra que o povo padece Patativa do Assaré

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba no sofrer
Não nego meu sangue, não nego meu nome
Olho para a fome, pergunto o que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.

Comprendemos que criar Geozines, na verdade é reconhecer o que já se tem como aporte de linguagens para se ensinar Geografia, até porque criar é também um estágio de recriar. Recriar que é um exercício dessa dimensão artística que combina coisas dispersas, dá sentido e movimento, amplia a percepção do aluno para novas percepções. Criar espaços para o novo é abrir-se à sensibilidade que povoa o universo da sala de aula. Oxigenar a imaginação e o pensamento é inspiração criadora.

Cabe para fazer as revistas Geozines o professor variar, na sua comunicação e exposição em sala de aula, os recursos que já existem. Fazer colagens, traçar estratégias de contagiar os alunos na construção de um entendimento geográfico. Há um sentido criativo por parte dos alunos na composição, porque eles assimilam os conteúdos conforme o exercício. Esse exercício é o espaço para aprender o novo e ressignificar outros conhecimentos adquiridos. A arte é esse caminho que ao mesmo tempo escreve novas linhas na composição da linguagem do Geozine enquanto instrumento para a prática.

Assim, o Geozine é uma metodologia de ensino recriada para religar linguagens. O professor planeja para que os alunos criem Geozines. Nessas condições, o aluno é motivado a pesquisar sobre essa região a partir das referências do livro didático, inclusive, mas também ampliando para fontes como *sites* da *internet*, revistas e jornais, colagens. E mais, pode essa ampliação ser feita sobre a própria região onde vivem usando seus desenhos e registros.

Conclusões

A Geografia do ponto de vista epistemológico explica os fatos sociais por meio da reflexão espacial² na ação do homem que transforma e consome esse espaço, nas escalas local, regional ou global. As transformações desses espaços se dão na relação dos homens com as coisas. Silveira (2006), afirma que tudo que nos cerca só faz sentido, na existência e relação com as coisas, pois estamos no mundo e esse mundo só existe nas possibilidades de situações: “A existência é um conjunto de situações. Estamos com as coisas, com os outros homens e numa esfera de significados” (SILVEIRA, 2006, p.86).

Percebe-se que, o fazer o Geozine, na prática torna-se um trabalho de pesquisa o que caracteriza um ensino de Geografia no espaço escolar com a pesquisa, desde associação de outras linguagens como as composições musicais que anunciam uma representação espacial que é física, poética, e em constante movimento que é região.

A escola é revestida de significados, pois esse ambiente é composto de sujeitos que trazem referências culturais distintas, que carregam sentidos sociais geográficos, que dão uma dimensão espacial, e o professor, no seu fazer didático pode fazer inferências para ensinar os conteúdos da Geografia. Com isso a escola pode ser vista, também, como um lugar para recriação dos saberes e não apenas para a sua transmissão.

Dessa perspectiva, o mais importante é traçar estratégias que permitam o tráfego, a transição, a provisoriedade dos conceitos levando os alunos a se moverem entre níveis distintos de complexidade e de desenvoltura cognitiva.

Referências

- BEZZI, Maria de Lourdes. **Região:** uma (re) visão historiográfica-da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2004.
- CAMPOS, Eduardo e BUITONI, Marísia Margarida Santiago. Região e regionalização no currículo escolar. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago. **Geografia:** ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. P.91-110.
- CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Geografia conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. P.117-140.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

² GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Arte, imagem e geografia: desafios e temores para o pensar. In: NUNES, Flaviana Gasparotti e NOVAES, Ínia Franco de (Orgs.) **Encontro, derivas, rasuras:** potências das imagens na educação geográfica. Uberlândia-MG: Assis editora, 2017.P.63-101.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido.** Coimbra: Livraria Almeida, 1980.

FUINI, Lucas Labigalini. Território e música: um diálogo com a obra de Milton Santos. IN: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e música:** diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. P. 304-323.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslau Machado de. O que pode uma rede entre imagens, geografias e educação? In: NUNES, Flaviana Gasparotti e NOVAES, Ínia Franco de (Orgs.) **Encontro, derivas, rasuras:** potências das imagens na educação geográfica. Uberlândia-MG: Assis editora, 2017. P.17-61.

SILVA, Antonio Marcos Gomes da e DANTAS, Eugênia Maria. Geozine: linguagem para o ensino de Geografia. Campinas-SP, Anais 14º **Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia:** políticas, linguagens e trajetórias. Universidade Estadual de Campinas. Ateliê de Pesquisa e Práticas de Ensino em Geografia, 2019. P.1698-1710. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3005/2869>

SILVA, Antonio Marcos Gomes da. **Geozine:** linguagem para o ensino do conteúdo de região na geografia escolar. 2018. 121f. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26180>

SILVEIRA, Maria Laura. **O espaço geográfico:** da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. GEOUSP-Espaço e Tempo, São Paulo, nº 19, 2006. P. 81-91.

TUAN, Yi-fu. **A geografia humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, Antônio(Org.) Perspectivas da geografia.São Paulo: Difel, 1982. P. 143-164.